

Reformar a Floresta

UMA FLORESTA PARA O
FUTURO, COM RENTABILIDADE
E BIODIVERSIDADE

II Jornadas da Floresta

The background of the lower half of the poster features a stylized, layered landscape of rolling green hills. The hills are rendered in various shades of green, creating a sense of depth. Several dark green silhouettes of trees are scattered across the landscape, adding to the forest theme.

23-24 março 2018

II Jornadas da Floresta



A floresta contribui para a melhoria da qualidade do ar, da água, do solo, bem como alberga uma infinidade de seres vivos que prosperam no seu interior. Como recurso renovável, que se quer sustentável, sempre teve um forte impacto na vida e na vivência das populações. As alterações sofridas pela floresta na sequência da desertificação do interior e das alterações climáticas colocam a questão da sua sustentabilidade na ordem do dia, clarificando a relação das pessoas com a floresta.

Arouca, pelo enquadramento paisagístico e pelos seus recursos naturais, coloca-se na linha da frente para a definição de uma estratégia nacional que concilie a vertente ambiental, social e económica da floresta.

Com este objecto, pretende-se que as II Jornadas da Floresta nos orientem numa visão a longo prazo do que pretendemos para as nossas florestas e para o nosso futuro. O envolvimento de todos reveste-se de crucial importância e define-nos enquanto proprietários, autarcas ou simplesmente cidadãos preocupados com o futuro e com a herança que queremos transmitir aos nossos descendentes.

Que estas Jornadas sejam assim profícuas, lançando as bases para uma floresta de e com futuro!

Margarida Belém
Presidente da Câmara Municipal de Arouca

Manuel Brandão Alves
Associação Círculo Cultura e Democracia

Luís Maia
Associação Florestal de Entre Douro e Vouga

Programa

Sexta - 23 de março

09h30 Boas-vindas

Presidente da Direção da Associação Florestal de Entre Douro e Vouga (AFEDV), Luís Maia
Presidente da Direção da Associação Círculo Cultura e Democracia (ACCD), Manuel Brandão Alves
Presidente da Câmara Municipal de Arouca (CMA), Margarida Belém

Painel I. Reformar a floresta

09h50 Conferência de abertura "Condicionalismos para a reforma da floresta, no quadro dos territórios do interior"

João Guerreiro
Professor catedrático da Universidade do Algarve e anterior Presidente da Comissão Técnica Independente para a Análise dos Incêndios de Pedrógão Grande

Moderador: José Reis (Professor catedrático da Universidade de Coimbra)

10h50 Conferência "Floresta: entre o que já foi feito e o que deve ser feito - uma leitura"

Victor Louro
Eng.º silvicultor e anterior Secretário de Estado da Estruturação Agrária

Moderador: Zeferino Brandão (antigo Presidente da Câmara Municipal de Arouca)

11h15 Intervalo

11h45 A visão e o papel das autarquias face aos desafios

Comunicação "David contra Golias"
António Louro
Vice-presidente da Câmara Municipal de Mação

Comunicação "Construir uma nova floresta - o que fazer enquanto município"
Margarida Belém
Presidente da Câmara Municipal de Arouca

Moderador: Zeferino Brandão (antigo Presidente da Câmara Municipal de Arouca)

12h30 Cerimónia de abertura

Presidente da Câmara Municipal de Arouca, Margarida Belém
Ministro Adjunto, Pedro Siza Vieira

13h00 Intervalo para almoço

Painel II. Uma floresta mais rentável

14h15 A mudança no terreno - Boas práticas

Comunicação "Organização de produtores florestais e Organização de produtores de frutos de casca rija - O exemplo da Coopenela"
José Ângelo Pinto
Vice-presidente da Cooperativa Agrícola de Penela da Beira

Comunicação "Valorização de recursos endógenos: a ascensão do Medronheiro"
Carlos Fonseca
Sócio-fundador da Medronhalva

Comunicação "O que produzir na floresta? O exemplo da apicultura"
Mário Brandão
Apicultor arouquense

Moderador: Rosário Alves (Forestis)

15h15 Conferência "O que vale a floresta"
João Ferreira do Amaral
Professor catedrático da Universidade de Lisboa

Moderador: Manuel Brandão Alves (Professor catedrático da Universidade de Lisboa e Presidente da Direção da ACCD)

16h15 Intervalo

Painel III. Uma floresta menos vulnerável

16h30 A mudança no terreno

Comunicação "A proteção começa em cada um de nós: o que fazer para prevenir ou agir em caso de incêndio"
Filipe Amorim
Gabinete Técnico Florestal - CMA

Comunicação: "O turismo como fator promotor do valor ecológico e paisagístico: experiência em Tropeço"
Celso Portugal
Empresário arouquense

Comunicação "Enfrentar os problemas fitossanitários"
Pedro Quaresma
AFEDV

Comunicação "Uma floresta menos vulnerável: plantar o amanhã com o projeto Futuro"
Marta Pinto
Investigadora da Universidade Católica Portuguesa e Coordenadora do "FUTURO - Projeto das 100.000 árvores na AMP"

Moderador: Cláudia Oliveira (Jornalista)

17h30 Conferência "Biodiversidade: Garantia de futuro"
Helena Freitas
Professora catedrática da Universidade de Coimbra e anterior Presidente da Unidade de Missão para a Valorização do Interior

Moderador: Marta Duarte (Círculo Cultura e Democracia)

18h30 Conferência "A Floresta de que precisamos com minimização de riscos"
Tiago Oliveira
Presidente da Estrutura de Missão para a Gestão Integrada de Fogos Rurais

Moderador: Marta Duarte (Círculo Cultura e Democracia)

20h00 Jantar comentado: "A floresta à mesa"
Hotel S. Pedro

Sábado - 24 de março

Painel IV. A floresta, a paisagem e o que tem vindo a ser feito

14h30 Na mudança de mentalidades

Comunicação "Conclusões do Grupo de Trabalho criado no âmbito das I Jornadas da Floresta"
Marcelo Pinho

Comunicação: "O Caminho da suavidade"
Jóni Vieira
Montis - Associação de Conservação da Natureza

Comunicação: "Matéria-Prima: Novos cuidadores da paisagem: quem somos e o que fazemos no baldio da Ameixieira Currais e Cales"
Ana Vieira e Jorge Amorim
Cofundadores da Matéria-Prima, Associação para a Reabilitação da Serra da Freita

Moderador: António Louro (Vice-presidente da Câmara Municipal de Mação)

15h15 Conferência "Os baldios podem ser exemplo de organização estrutural para a prevenção dos fogos florestais"
António Bica
Advogado e autor do livro "O Regime Jurídico dos Baldios"

Moderador: António Alves da Costa (Círculo Cultura e Democracia)

16h15 Intervalo

16h30 Mesa redonda "Estratégias e políticas para a floresta do futuro"
Coordenação de Américo Mendes
(Professor da Universidade Católica Portuguesa)

18h00 Encerramento

Presidente da Direção da AFEDV, Luís Maia
Presidente da Direção da ACCD, Manuel Brandão Alves
Presidente da CMA, Margarida Belém
Secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Miguel Freitas





PAINEL I. REFORMAR A FLORESTA

Conferência “Condicionalismos para a reforma da floresta, no quadro dos territórios do interior”

Os dramáticos acontecimentos relacionados com os incêndios florestais, que ocorreram de junho a outubro de 2017, obrigaram a reconhecer a questão florestal como um problema atual e como uma prioridade nacional.

A questão florestal reintroduziu, por arrasto e com enorme força, a problemática do interior, das áreas de baixa densidade ou das áreas rurais. A comunicação reflete o cruzamento destas problemáticas, contribuindo para identificar as problemáticas principais que condicionam o desenvolvimento destes territórios.

Na sequência destas reflexões, são colocadas algumas pistas de desenvolvimento envolvendo novas formatações de políticas públicas, uma melhor articulação entre desempenhos institucionais, bem como novas áreas de atividade passíveis de serem acolhidas e desenvolvidas.



João Guerreiro

Universidade do Algarve
jguerreiro@ualg.pt

Professor catedrático da Universidade do Algarve. Licenciado em Geografia. Mestre em Ordenamento do Território e Ambiente. Doutor em Ciências Económicas (Economia Agrária). Foi Presidente da Comissão de Coordenação da Região do Algarve (1996-2003), Reitor da Universidade do Algarve (2006-2013) e Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (2006-2008). É Presidente da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES) e membro do Conselho Nacional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CNADS). Tem orientado diversas dissertações e teses académicas. É investigador responsável de projetos de I&D&I e autor de trabalhos nos domínios do ordenamento do território, do desenvolvimento rural e da economia da inovação.



Conferência “Floresta: entre o que já foi feito e o que deve ser feito – uma leitura”

As alterações das políticas florestais sucedem-se e refletem imaturidade política. 2017 impôs ao País a adoção de medidas corajosas e concertadas. Muita coisa foi feita; muita coisa há para fazer: a minha leitura é de confiança, que não só não dispensa, como exige intervenção crítica.



Victor Louro

Engenheiro silvicultor

Engenheiro silvicultor (ISA, 1971). Antigo Deputado à Assembleia da República. Antigo Presidente da Comissão Nacional de Combate à Desertificação. Autor de publicações técnicas e artigos de opinião. Autor de “A floresta em Portugal – um apelo à inquietação cívica”, Ed. Gradiva, 2016. Coordenador e coautor de “Desertificação – sinais, dinâmicas e sociedade”, Ed. I. Piaget, 2004. Intervenção cívica em várias frentes.



A visão e o papel das autarquias face aos desafios

Comunicação “David contra Golias”

Análise das alterações socioeconómicas e demográficas na construção da paisagem atual e o seu impacto na problemática dos grandes incêndios.

Sensibilização para o colapso das sociedades agro-rurais e necessidade de novas ferramentas de gestão territorial e financeiras que possibilitem a implementação efetiva e à escala adequada dos conceitos de ordenamento, gestão, sustentabilidade económica e ambiental, em territórios de minifúndio.



António Louro

Câmara Municipal de Mação / Fórum Florestal
antonio.louro@cm-macao.pt

Vice-presidente do Município de Mação com os Pelouros da Proteção Civil e Florestas. Fundador e Presidente da Direção da Aflamação - Associação Florestal do Concelho de Mação.

Presidente da Direção do Fórum Florestal - Entidade Federativa da Floresta Portuguesa.



Comunicação “Construir uma nova floresta - o que fazer enquanto município”

Em Arouca, a floresta configura-se como um importantíssimo recurso natural e de dinamização económica. Dos 328km² de extensão do município, 270 km² dizem respeito a espaços florestais. Importa assim promover uma nova visão e uma nova atitude em relação à floresta, que, por um lado, permita a sua salvaguarda, e, por outro, permita que esta seja motor de desenvolvimento económico e de geração de riqueza. Neste âmbito, será criado o Via Verde Florestal - Gabinete estratégico da floresta e do desenvolvimento rural, que será responsável pela definição da estratégia a seguir, com o intuito de promover o ordenamento florestal e a respetiva dinamização económica.



Margarida Belém

Câmara Municipal de Arouca
margaridabelem@cm-arouca.pt

Presidente da Câmara Municipal de Arouca, desde outubro de 2017, foi, entre 2009 e 2017, vereadora desta edilidade, e vice-presidente entre 2013 e 2017.

Atualmente, assume também a presidência da ADRIMAG - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Galheira e da AGA - Associação Geoparque Arouca. É ainda vice-presidente do Conselho Metropolitano do Porto (Área Metropolitana do Porto) e integra a Direção da Associação de Turismo do Porto e Norte.



PAINEL II. UMA FLORESTA MAIS RENTÁVEL

A mudança no terreno – Boas práticas

Comunicação “Organização de produtores florestais e Organização de produtores de frutos de casca rija - O exemplo da Coopenela”

Nesta comunicação será dada a conhecer a história da Cooperativa Agrícola de Penela da Beira, na vertente de organização de produtores florestais bem como na vertente de Organização de Produtores de Frutos (OPF) de Casca Rija. Será especialmente abordada a problemática do posicionamento atual da Coopenela face às alterações climáticas e aos novos riscos a que as zonas de intervenção das OPF estão expostas e à recente evolução da produção e transformação da castanha.



José Ângelo Pinto

Cooperativa Agrícola
de Penela da Beira
jose.pinto@coopenela.com

José Ângelo Pinto é vice-presidente da direção da Coopenela sendo responsável pelos pelouros da representação externa e marketing. É ainda, em representação da Coopenela, vice-presidente do Centro Nacional de Competências dos Frutos Secos, tesoureiro da RefCast - Associação Portuguesa da Castanha e Presidente da Assembleia Geral da Confraria da Castanha dos Soutos da Lapa.

É Professor Adjunto convidado da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico do Porto, sendo nesta escola coordenador do Mestrado em Gestão de Projetos. Com mais de 25 anos de experiência profissional como consultor, empresário e académico, é formador convidado em Gestão de Projetos em diversas instituições e universidades, possuindo diversas certificações profissionais relevantes nesta área.

É consultor de gestão e projetos para inúmeras instituições.



Comunicação “Valorização de recursos endógenos: a ascensão do Medronheiro”

O Medronheiro, até há pouco tempo associado apenas às serras algarvias, tem vindo a tomar protagonismo noutras regiões do país, nomeadamente na Região Centro, onde abunda espontaneamente ao longo de toda a Cordilheira Central.

Esta planta, nativa da Bacia do Mediterrânico, tem em Portugal uma enorme expressão em termos de distribuição natural e o seu uso baseia-se, essencialmente, na produção do medronho. Este fruto vermelho é usado há décadas na produção de aguardentes e licores estando, contudo, a sua utilização a ser diversificada, passando pelo fruto fresco, a compota, geleia, iogurte, sumo, etc. Também outras partes da planta, nomeadamente os seus ramos, folhas e flores suscitam um crescente interesse no seu uso ornamental. Os seus troncos e raízes têm características lenhosas muito apreciadas. Estes, entre outros usos e benefícios desta planta, serão apresentados nesta comunicação.



Carlos Fonseca

Medronhalva
geral@medronhalva.pt

Biólogo e Professor universitário (Universidade de Aveiro), é também sócio da empresa familiar Medronhalva Lda.® (www.medronhalva.pt), com sede em São Pedro de Alva, concelho de Penacova. Em 2013, decidiu iniciar, juntamente com a sua família, um investimento na sua terra Natal, que tem como base a cultura do medronho. Esta planta mediterrânica, para além do seu interesse ambiental e económico, é o centro de todo um projeto que integra diversas valências ambientais, sociais e culturais das Terras de Mondalva®.



Comunicação “O que produzir na floresta? O exemplo da apicultura”

A comunicação abordará os seguintes tópicos: a simbiose entre a floresta e a apicultura; a flora e espécies mais benéficas para as abelhas; instalação de novos apiários – as dificuldades e resistência dos proprietários dos terrenos privados e incêndios versus apicultura.



Mário Brandão

Apicultor arouquense
solucoesbiomassa@gmail.com

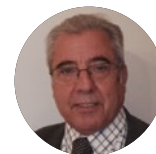
Natural de Arouca, 48 anos, gerente da Brand Best, Lda, empresa que atua em 3 áreas distintas: promoção imobiliária, comércio de biomassa e, mais recentemente, a apicultura.

Atividade que teve início como hobby, atualmente e com o crescimento da mesma já exerce a apicultura de forma profissional.



Conferência “O que vale a floresta”

Esta conferência abordará os seguintes tópicos: o valor económico da floresta a nível macroeconómico e setorial; o conceito de fileira florestal; contribuição para o PIB, para o emprego e para a balança de pagamentos: comparação com outros setores de atividade; o conceito de valor acrescentado nacional; a dimensão do valor acrescentado nacional da fileira florestal: comparação com outros setores. A fileira florestal enquanto recurso impulsor do desenvolvimento do interior: A valia dos serviços ambientais. A necessidade e as condicionantes do investimento na fileira florestal.



João Ferreira do Amaral

Universidade de Lisboa

Professor catedrático aposentado do ISEG/UL, Presidente da Direção da Associação para a Competitividade da Indústria da Fileira Florestal. É licenciado, doutorado e agregado em Economia pelo ISEG/UL. Foi membro do Conselho Superior de Estatística, Diretor-Geral do Departamento Central de Planeamento, membro do Comité de Política Económica da então CEE, assessor da casa civil do Presidente da República e membro do Conselho Económico e Social. É autor de múltiplos livros e artigos sobre temas económicos.



PAINEL III. UMA FLORESTA MENOS VULNERÁVEL

A mudança no terreno

Comunicação “A proteção começa em cada um de nós: o que fazer para prevenir ou agir em caso de incêndio”

Os graves incêndios, ocorridos no ano de 2017, expuseram, de forma eloquente, as nossas vulnerabilidades face ao risco dos incêndios florestais. Perante tal cenário é fundamental estarmos conscientes, que a proteção começa em cada um de nós, promovendo uma cultura de segurança, que aposte na gestão estratégica dos combustíveis, nomeadamente em torno das edificações, e no uso adequado do fogo para a eliminação de sobrantes de exploração e renovação de pastagens.

O grande número de ocorrências (ignições) registadas, sobretudo em dias com elevado risco de incêndio, paralelamente à falta de gestão dos espaços rurais, em particular dos espaços florestais são os principais fatores que contribuem para a gravidade dos incêndios.

Não podemos esperar que o problema se resolva com mais bombeiros, GNR, aviões ou helicópteros. Todos nós cidadãos temos um papel a desempenhar, em particular na prevenção e na primeira intervenção, através de iniciativas como as “aldeias seguras”, a criação dos grupos de autodefesa e as Unidades Locais de Proteção Civil.



Filipe Amorim

Câmara Municipal de Arouca
filipe.amorim@cm-arouca.pt

Licenciado em Engenharia dos Recursos Florestais, pela Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Coimbra. É Técnico Credenciado em Fogo Controlado e de Fogo de Supressão, com formação especializada em meteorologia e análise do comportamento do fogo florestal. Exerce atualmente funções de 2.º Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Arouca, onde ingressou em 1995.

A partir de novembro de 2017, exerce funções de Técnico Superior na Câmara Municipal de Arouca. Entre 2011 e outubro de 2017 exerceu funções de Técnico Superior na Câmara Municipal de Águeda.

Entre 2009 e 2011 exerceu funções de Técnico Superior no Governo Civil de Aveiro, onde foi responsável pela elaboração do Plano Distrital de Defesa da Floresta contra Incêndios (PDFCI) de Aveiro. Anteriormente exerceu funções de Técnico Florestal na Indústria de Madeiras no Grupo Finsa.



Comunicação “Conclusões do Grupo de Trabalho criado no âmbito das I Jornadas da Floresta”

O grupo de trabalho foi criado no seguimento das I Jornadas da Floresta de 2017. Foi constituído por voluntários (Celso Portugal, Pedro Quaresma, Filipe Amorim, Marcelo Pinho, António Costa) que se disponibilizaram para, a partir do que foi dito nas Jornadas, refletir sobre medidas simples, concretas e exequíveis no curto prazo.

Dessas medidas destacamos: pontos de água - criação e controlo da sua operacionalidade; infraestruturização do território - novos caminhos e limpeza dos atuais; ligação população/bombeiros - criação de unidades locais de prevenção; distribuição de material de sapadores para utilização da população; formação de guias locais, para indicação dos caminhos aos Bombeiros de fora da região; ordenamento florestal dos baldios; limpeza da berma das estradas; criação de uma linha telefónica de ligação entre os municípios e os serviços de Proteção Civil da Câmara Municipal de Arouca.



Marcelo Pinho

Grupo de trabalho - I Jornadas da Floresta
marceloxpinho@hotmail.com

Natural de Escariz, é licenciado em Direito pela Universidade Lusíada do Porto e advogado. Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Arouca (2001-2005). Frequência da pós-Graduação em Direito das Empresas na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Vice-Presidente do MMS - Movimento Mérito e Sociedade (2008-2009). Colaboração no Projeto “Limpar Portugal”. Membro da Delegação da Ordem dos Advogados de S. João da Madeira (2010-2013). Vereador do Ambiente e Urbanismo da Câmara Municipal de Arouca (2013-2017).



Comunicação “Enfrentar os problemas fitossanitários”

Os problemas fitossanitários constituem um problema gravíssimo para o futuro e sustentabilidade da floresta. As pragas e doenças das várias espécies florestais, juntamente com as espécies invasoras lenhosas, colocam em risco a sustentabilidade ambiental, social e económica dos espaços rurais. Existe um alheamento da maior parte do país sobre a pressão que os problemas fitossanitários exercem sobre o mundo rural e o custo das intervenções necessárias para encontrarmos um ponto de equilíbrio aceitável.



Pedro Quaresma

AFEDV
p.quaresma@afedv.com.pt

Licenciatura em Engenharia Florestal pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Após a conclusão do curso, rumou a Ponte de Sôr para trabalhar na AFLOSOR, no setor da cortiça, pinheiro manso, silvo-pastorícia, cogumelos e outros recursos silvestres. Trabalha na Associação Florestal de Entre Douro e Vouga desde 2001. É responsável pelo Grupo de Certificação Florestal (CertiForest), elaboração e acompanhamento de projetos florestais, gestão e ordenamento florestal, bem como intervenção ao nível de fogos florestais. Responsável pela dinamização do aproveitamento do castanheiro para produção de fruto.



Comunicação “Uma floresta menos vulnerável: plantar o amanhã com o projeto Futuro”

O FUTURO – projeto das 100.000 árvores na Área Metropolitana do Porto – é um esforço planeado e coordenado de várias organizações e cidadãos com o objetivo de criar e manter florestas urbanas nativas nesta região, que precisa de enriquecer a sua biodiversidade, sequestrar carbono, melhorar a qualidade do ar, proteger os seus solos e contribuir para uma melhor qualidade de vida das pessoas. Por isso resume-se numa palavra – FUTURO. Porque não existe futuro sem árvores.



Marta Pinto

Universidade Católica Portuguesa
mspinto@porto.ucp.pt

Licenciada em Biologia (FCUP). Desde 1995 desenvolve atividade na área da sustentabilidade - nas componentes da educação, comunicação, participação pública, planeamento, ação. Há 15 anos na Universidade Católica Portuguesa, tem desenvolvido inúmeros processos de Agenda 21 Local e de planeamento regional. É Coordenadora do Grupo de Estudos Ambientais da Universidade Católica Portuguesa e coordena o Centro Regional de Excelência em Educação para o Desenvolvimento Sustentável da Área Metropolitana do Porto e o FUTURO – projeto das 100.000 árvores na Área Metropolitana do Porto.



Conferência “Biodiversidade: Garantia de futuro”

As grandes áreas naturais da Terra, onde se concentra a biodiversidade, têm sido urbanizadas ou transformadas para uso agrícola ou florestal. O empobrecimento biológico resultante das múltiplas atividades humanas, tenderá a agravar-se por efeito das alterações climáticas, conduzindo a uma degradação generalizada do funcionamento dos sistemas vivos. O valor da biodiversidade que se foi perdendo e que se continua a perder não pode ser estimado com rigor, mas está na base de um declínio global nos serviços dos ecossistemas. A conservação destes serviços é fundamental para garantir a prosperidade económica e o bem-estar das sociedades, e a sua perda coloca-nos perante um desafio ambiental e político complexo e decisivo para o futuro da Humanidade.



Helena Freitas

Universidade de Coimbra
hfreitas@uc.pt

Doutorada em Ecologia pela Universidade de Coimbra, em associação com a Universidade de Bielefeld, Alemanha. Pós-doutoramento na Universidade de Stanford, EUA. É Professora catedrática do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra e detentora da Cátedra Unesco em Biodiversidade e Conservação para o Desenvolvimento Sustentável. Foi Diretora do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Vice-Reitora da mesma Universidade. Foi Presidente da Liga para a Proteção da Natureza e Presidente da Sociedade Portuguesa de Ecologia. É Coordenadora do Centro de Ecologia Funcional. Foi Coordenadora da Unidade de Missão para a Valorização do Interior.



Conferência “A Floresta de que precisamos com minimização de riscos”



Tiago Oliveira

Estrutura de Missão para a
Gestão Integrada de Fogos Rurais

Presidente da Estrutura de Missão para a Gestão Integrada de Fogos Rurais Licenciado em Engenharia Florestal (1988-1994) e Mestre em Gestão de Recursos Naturais (1995-1998), pela Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia); e Doutoramento em Engenharia florestal e Recursos Naturais, pela Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Agronomia (2011-2017). Com mais de 20 anos de experiência em atividades nacionais e internacionais, especializou-se no tema da gestão e governança de risco, no qual desenvolveu a tese de doutoramento.

É membro do Centro de Estudos Florestais da Universidade de Lisboa. Desde 1997 que participa nas campanhas de combate a incêndios, como sapador operacional, coordenador de combate aéreo, supervisor regional e coordenador nacional de DFCL.

É autor de várias comunicações orais e escritas e de vários artigos científicos no tema da gestão de risco de incêndio.



PAINEL IV. A FLORESTA, A PAISAGEM E O QUE TEM VINDO A SER FEITO

Na mudança de mentalidades

Comunicação “O turismo como fator promotor do valor ecológico e paisagístico: experiência em Tropeço”

Considerando os atuais condicionalismos sócioeconómicos e a concentração de interesses numa floresta de rendimento rápido, não é fácil a opção privada por espaços de sustentabilidade ambiental e paisagística. Para tal, é necessária uma ligação muito forte ao que eles encerram e a partilha dos seus pormenores mais íntimos.

O pequeno “bosque” que serve de base à nossa intervenção recebe, há décadas, dedicação e cuidado na preservação e inserção das espécies, bem como de alguns elementos de apoio à sua fruição. O rio Arda é o seu elemento de referência e de suporte à fauna, flora e beleza que lhe estão associadas.



Celso Portugal
Empresário arouquense
celsoportugal@sapo.pt

Natural de Tropeço-Arouca, está ligado à Indústria de Serração de Madeiras (empresa familiar da qual é sócio gerente) e à Produção Florestal desde 1959. Foi vereador da Câmara Municipal de Arouca entre 1994 e 2006, tendo sido responsável, entre outras funções, pela Proteção Civil.

Atualmente, é Presidente da Direção dos Bombeiros Voluntários de Arouca, tendo antes presidido à Comissão Administrativa (CA) e sido membro do seu Conselho Geral (onde se mantém por inerência. Na vigência da CA promoveu a conferência “Floresta – a Grande Riqueza de Arouca”, que teve muita participação. Foi membro e presidente da CEFF (Comissão Especializada de Fogos Florestais de Arouca.); foi membro convidado da Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios até 2015. Foi membro do Conselho Municipal de Segurança.

É socio fundador da FORESTIS e da ADRIMAG, de cuja Assembleia Geral é secretário desde a fundação, há mais de 25 anos. É sócio da Associação Florestal de Entre Douro e Vouga, fazendo parte dos associados que aderiram à certificação florestal.



Comunicação “O Caminho da suavidade”

A MONTIS - Associação de Conservação da Natureza é uma ONG, sem fins lucrativos e de âmbito nacional que tem como objetivo central gerir territórios, visando a conservação da natureza e da biodiversidade. A filosofia central de atuação assenta no conhecimento dos processos naturais para os conduzir de forma favorável aos objetivos de gestão.

O Baldio de Carvalhais, propriedade com cerca de 100 ha localizada em S. Pedro do Sul, é a área alvo do projeto premiado pelo Prémio ICNF em 2017. O projeto tem uma base de restauro de habitats e aumento da resiliência ao fogo, usando-o como técnica de gestão.

A gestão praticada pela Montis articula gestão profissional e envolvimento das pessoas comuns na gestão de espaços naturais.



Jóni Vieira
Montis – Associação de
Conservação da Natureza
montis.elcn@gmail.com

Jóni Vieira licenciou-se em arquitetura paisagista em 2007 pela Universidade do Porto. Após a licenciatura completou ainda um Mestrado em Agricultura Biológica pela Escola Agrária de Ponte de Lima, IPVC.

O seu percurso profissional passou pela Mata Nacional do Bussaco, orientando trabalhos de controle de flora exótica invasora. Desde 2018 gere dois projetos de conservação da natureza na Montis: o projeto LIFE ELCN, com o objetivo da criação de uma rede europeia de conservação em terrenos privados, e o Prémio ICNF, dedicado à gestão do Baldio de Carvalhais.



Comunicação “Matéria-Prima: Novos cuidadores da paisagem: quem somos e o que fazemos no baldio da Ameixieira, Currais e Cales”

Desde setembro de 2016, a Matéria-Prima tem promovido um leque diversificado de ações tendo em vista a reabilitação da paisagem no Baldio de Ameixieira, Currais e Cales: ações de sementeira para contenção da erosão dos solos, reflorestação com árvores essencialmente autóctones, manutenção e limpeza de áreas plantadas, limpeza de áreas ardidas, rega de plantações durante os períodos mais críticos de Verão.

Para além destas intervenções no terreno, encontram-se em preparação a constituição do viveiro Matéria-Prima e a instalação de 3 reservatórios para rega de novas árvores e combate a incêndios.

No caminho intenso que se abre no horizonte, a Matéria-Prima tem pela frente muito trabalho e vários desafios. Talvez o maior seja a mudança de mentalidade daqueles que vivem inseridos nesta paisagem. É preciso transformar a pergunta “o que é que a floresta pode fazer por mim?” em “o que é que eu posso fazer pela floresta?”.



matéria-prima

Ana Vieira e Jorge Amorim

Matéria-Prima, Associação para a Reabilitação da Serra da Freita
Movimento.materiaprime@gmail.com

A Matéria-Prima consolidou-se como um grupo de cidadãos arouquenses que pretende contribuir para a reabilitação e preservação da paisagem da Serra da Freita. Trata-se de uma união de vontades que se cruzaram por altura dos incêndios de agosto de 2016, em pleno contexto de combate no terreno.

Com a convicção de que nada poderá ficar como dantes, o foco preferencial de intervenção da Matéria-Prima concentra-se no território do Baldio de Ameixieira, Currais e Cales, na encosta Norte da Serra da Freita, profundamente afetada pela calamidade. O objetivo é congregar o máximo de esforços na reabilitação da paisagem, contribuindo para o restabelecimento da flora e da fauna autóctones.



Conferência “Os baldios podem ser exemplo de organização estrutural para a prevenção dos fogos florestais”

Os baldios, anteriormente chamados maninhos, são, desde tempo anterior ao do início de Portugal como país independente, propriedade comunitária de agricultores que mantinham também pequenas explorações agrícolas. A exploração económica dos baldios era complementar da economia das pequenas explorações agrícolas.

Restaram, no final da década de 1930, cerca de 500 mil hectares quase todos situados a norte do rio Tejo, isto é, nas regiões do minifúndio, de que os seus titulares foram espoliados nas décadas de 1930 e de 1940, passando a ser administrados pelos Serviços Florestais sob o designado “regime florestal”. Só em 1976, com o fim do regime florestal, os baldios voltaram à posse e administração dos pequenos agricultores.

A prevenção eficaz dos fogos florestais nas regiões do minifúndio não é possível sem que os pequenos e médios prédios florestais e a mata se mantenham limpos de mato no sobcoberto do arvoredo florestal. Os baldios, porque têm grande dimensão, podem ser pioneiros nessa organização, tendo-se em conta que os pequenos e médios agricultores são também os titulares do direito sobre os baldios onde eles existem.



António Bica

Advogado e autor do livro
“O Regime Jurídico dos Baldios”

Nascido em 1938 em Paços de Vilharigues, concelho de Vouzela, filho de pequenos agricultores, licenciou-se em direito em Coimbra. Foi presidente da direção da Cooperativa Agrícola de Lafões com sede em Vouzela, desde 1965 até abril de 1974, e também advogado em Oliveira de Frades. Como advogado, deu apoio jurídico e político à reivindicação dos baldios para os povos a que sempre pertenceram em propriedade comunitária e a outras lutas como contra a taxa do vinho produzido e a proibição do vinho americano. Depois de abril de 1974, integrou a Comissão para a extinção dos Grémios da Lavoura e das suas Federações. Em 1975, foi secretário de Estado para a Reforma Agrária. Posteriormente, foi advogado em Lisboa.

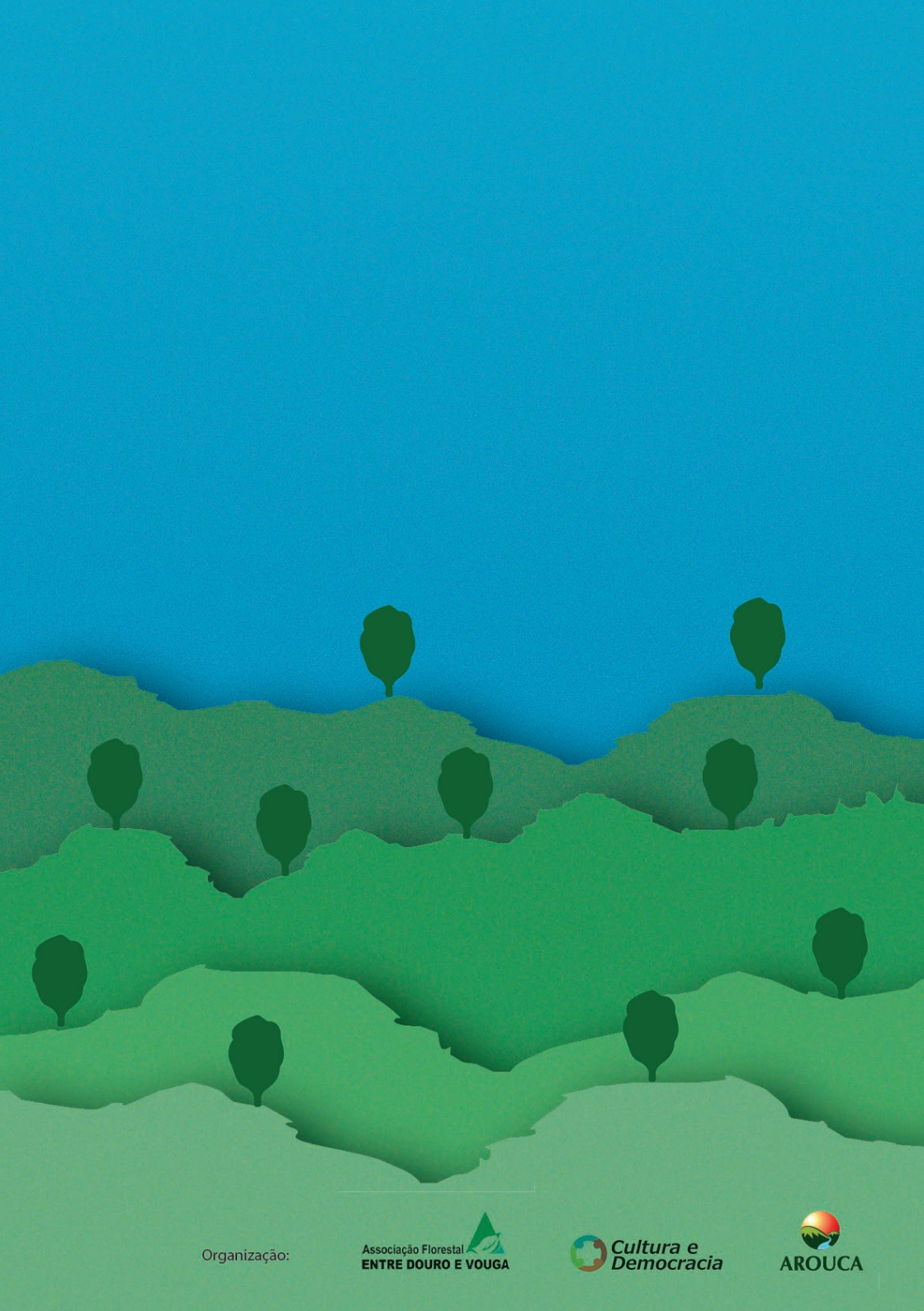
notas



notas notas




notas notas



Organização:

Associação Florestal
ENTRE DOURO E VOUGA

 **Cultura e
Democracia**


AROUCA